

FERRAZ, Leidson. **Primeiros intercâmbios teatrais entre Paraíba e Pernambuco.** PPGAC UNIRIO; HHTA; Doutorado Acadêmico; Elza de Andrade e Henrique Gusmão; CNPq; leidson.ferraz@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9726-8502>.

RESUMO: Incentivado pelo projeto *Soltando a Língua*, da Cia. Oxente de Atividades Culturais, de João Pessoa (PB), que possibilitou conversas entre profissionais das artes cênicas da Paraíba e Pernambuco durante a pandemia de 2020, este artigo se propõe a um mapeamento do intercâmbio inicial que houve entre os dois estados, não só pelas turnês de artistas e companhias teatrais locais, mas especialmente pela presença de diretores e professores de teatro em trânsito. Examinando referências bibliográficas e registros na imprensa, o objetivo é apontar influências recíprocas para as duas regiões, que renovaram ideias e práticas da cena, favorecendo também um fluxo de sociabilidade entre grupos com trilha aberta para futuras visitas e parcerias.

Palavras-chave: Intercâmbios teatrais; Paraíba; Pernambuco; História do Teatro Brasileiro.

ABSTRACT: Encouraged by the Oxente Cultural Activities Company's *Soltando a Língua* Project, from João Pessoa (PB), that enabled conversations between performing arts professionals from Paraíba and Pernambuco during the pandemic year of 2020, this article proposes a mapping of the initial exchange that took place between the two states, not only for the tours of local artists and theater companies, but especially for the presence of directors and theater teachers in transit. By examining bibliographic references and records in the press, the objective is to point out reciprocal influences for the two regions, which renewed ideas and practices in the scene, also favoring a flow of sociability between groups with an open trail for future visits and partnerships.

Keywords: Theatrical Exchanges; Paraíba; Pernambuco; Brazilian Theatre History.

PRIMEIROS INTERCÂMBIOS TEATRAIS ENTRE PARAÍBA E PERNAMBUCO

Leidson Ferraz

No dia 3 de setembro de 2020 participei da minha primeira *live* pública no projeto *Soltando a Língua*, da Cia. Oxente de Atividades Culturais, da cidade de João Pessoa (PB). A proposta nasceu com a intenção de reunir artistas e pesquisadores da Paraíba e Pernambuco para se discutir aspectos da história teatral dos dois lugares. Ao analisarmos os intercâmbios entre as duas praças culturais, cujas capitais são as mais próximas do Brasil (126 Km), vamos notar que, mesmo havendo hoje mais distâncias do que aproximações, uma fase áurea de sociabilidade ocorreu entre as décadas de 1930 e 1970. Foi sobre ela que quis tratar.

Como ainda há reclamações sobre a diminuta produção de livros e artigos referentes à história do teatro da Paraíba, na intenção de contribuir com tais registros, resolvi documentar parte do que ali abordei. Isso foi ainda mais reforçado quando adquiri o livro *Quarenta Anos do Teatro Paraibano*, de Ednaldo do Egypto, publicado em 1988, um roteiro fotográfico sobre boa parte da cena ali apresentada e me chamou atenção a forte presença de diretores teatrais pernambucanos atuando na Paraíba, ou de convidados que vinham de outros lugares para trabalhar no Recife e também iam lá desenvolver projetos.

Ao ler a tese de Duílio Pereira da Cunha Lima, intitulada *Encenação Tabajara (1975-2000): Memórias, tendências e perspectivas no teatro de João Pessoa*, confirmei que esse período de exultantes trocas teatrais foi chamado pelo pesquisador de “Quando o teatro do Recife faz escola”, não só pelo grau de proximidade geográfica entre as duas capitais, mas também pela interferência que os pernambucanos tiveram sobre a cena paraibana, “desde os anos de 1930, seja através da circulação dos seus espetáculos nos palcos paraibanos e/ou pelo incentivo à constituição de novos grupos” (LIMA, 2016, p. 70). Estimulado por tal questão, resolvi sistematizar mais dados sobre a presença de tais artistas no correr dos primeiros anos.

Para início de conversa, é preciso lembrar profissionais mambembes do final do século XIX, como os atores Lyra e Antônio Livramento, recifenses que saíam em busca de novas praças teatrais, especialmente àquelas mais próximas para minimizar custos. Dos primeiros anos do século XX, outro nome se ressalta, o do ator, cantor, diretor, dramaturgo e empresário teatral pernambucano Leoni Siqueira, que costumava fundar

trupes itinerantes com intérpretes locais ou visitantes. Primando por um repertório composto de burletas, revistas, operetas, comédias e números de variedades, Leoni Siqueira marcou presença nos raros palcos paraibanos de então e certamente foi influência para fazer crescer ali o gosto pela arte cênica.

Mas é na década de 1930, com a fundação do Grupo Gente Nossa (GGN), no ano de 1931 – o primeiro de vida profissional mais “estável” no Recife, muito por estar atrelado a uma casa de espetáculos, o Teatro de Santa Isabel, então dirigida pelo diretor do conjunto, o teatrólogo Samuel Campello, nome dos mais importantes para a história do teatro no Nordeste –, que vamos ter temporadas de artistas pernambucanos de maior atração junto ao público e à imprensa paraibana. Após viagem a Alagoas, o Grupo Gente Nossa escolheu a Paraíba para segunda turnê interestadual, de 7 a 16 de maio de 1932, com 12 sessões programadas de sucesso no Teatro Santa Roza, principal palco da capital João Pessoa. No repertório, comédias, burletas e operetas, com destaque a autores pernambucanos: Umberto Santiago, Irmãos Valença, Lucilo Varejão, Valdemar de Oliveira e o próprio Samuel Campello.

Em 1935, o GGN viajou a Campina Grande e retornou a João Pessoa, desta vez para inauguração da remodelação do Teatro Santa Roza. Os tabajaras ainda teriam oportunidade de rever a equipe em 1937 e, por fim, 1939, já sem a presença do seu fundador, falecido em janeiro daquele ano. A partir deste contato com um núcleo teatral de forte influência nos lugares em que visitou, pode-se deduzir que outros estímulos aos artistas paraibanos surgiram. Não só pelo compartilhamento de obras – numa época difícil de se conseguir textos e o diretor do GGN, como representante da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, certamente facilitava trâmites para novas liberações –, mas principalmente pela disseminação de uma dramaturgia nordestina, além da própria configuração de um conjunto que já experimentava formatação mais igualitária, sem destaque a estrelas, num princípio do conceito de grupo.

Ainda em 1932, o estreante Conjunto Regional de Comédias, Burletas e Revistas Barreto Júnior, com tal artista à frente – que não se adaptara à disciplina exigida no Grupo Gente Nossa –, esteve em João Pessoa apresentando espetáculos para rir. O conhecido ator-empresário voltaria à mesma cidade em 1936, mas foi em 1952, com temporada relâmpago no Teatro Santa Roza, agora com sua turma rebatizada de Companhia Nacional de Revistas pela participação de garotas do balé do carioca Raul Dubois, que ele anunciou em alarde que há mais de 25 anos não vinha à capital paraibana uma companhia de revista. Favorecia assim a retomada de apreciação daquele

público a um gênero raro para aqueles tempos, ainda que no formato “revista de bolso”, a exemplo de *Felipeta Está de Tanga* e *Balança Mas Não Cai*, impróprias a menores de 18 anos.

Antes, porém, ainda durante a década de 1940, grupos como o Teatro do Estudante de Pernambuco, em 1943, com peças cômicas como *Era Uma Vez um Vagabundo*, de José Wanderley e Daniel Rocha, sob direção de Raul Prysthon; e o Teatro Universitário de Pernambuco, em 1948, com sua montagem de estreia, *As Férias de Apolo*, de Jean Berthet, dirigida por Adacto Filho, visitaram a Paraíba. Alguns com procedimentos mais renovadores à cena. Já nos anos 1950, além da presença ilustre do Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP) no Teatro Santa Roza, em 1951, a convite do Governo paraibano, com 30 integrantes distribuídos em peças como *A Casa de Bernarda Alba*, do espanhol Federico García Lorca, e *Arsênico e Alfazema*, do norte-americano Joseph Kesselring, outros conjuntos menores puderam se apresentar ao público pessoense, como o Teatro Gráfico de Amadores, com a revista folclórica *Terreiro*, texto e direção de Genivaldo Wanderley; e a Companhia de Comédias e Revistas de Bolso Wilson Valença, que acabou enfrentando problemas com o Juizado de Menores pelas peças humorísticas exibidas na Festa da Mocidade.

Mas a chamada “escola” que o Recife fez se concretizou ainda mais pelo aprendizado junto a diretores convidados por grupos teatrais paraibanos. Raul Prysthon, Elpídio Câmara, Clênio Wanderley, Walter de Oliveira, Joel Pontes, Maria José Campos Lima, José Francisco Filho e Antônio Cadengue estiveram à frente de trabalhos nos palcos daquele estado. Já Rubens Teixeira, Rubem Rocha Filho e Milton Baccarelli, vindo morar na capital pernambucana, também foram levados a João Pessoa para dirigir espetáculos e, no caso do primeiro, até assumir o setor de Teatro da UFPB. Quanto a Marcus Siqueira, paraibano de origem, este sempre produziu trabalhos de referência em ambos os lugares.

O Teatro do Estudante da Paraíba (TEPb) foi o núcleo que inaugurou o principal intercâmbio entre a cena paraibana e pernambucana. Em 1950, o grupo produziu o espetáculo *O Divino Perfume*, texto de Renato Vianna, com direção do pernambucano Elpídio Câmara (um dos fundadores do Grupo Gente Nossa), convidado a dar aulas práticas de teatro à equipe. Na sequência, montou *O Amigo da Família (Paternidade)*, de Joracy Camargo, também com o veterano Elpídio Câmara à frente, e, após um período, *Joaninha Buscapé*, de Luiz Iglesias, agora sob a direção de outro artista pernambucano, o também ator Clênio Wanderley.

“Houve, sem dúvida alguma, uma segurança até então desconhecida. Os atores, cada qual compreendendo os limites de sua ação, cumpriram a tarefa com uma expressão e um vigor incomuns em moços daquela idade”, registrou o jornal *O Norte* (ÊXITO..., 5 out. 1952, p. 8), de João Pessoa, destacando o pouco tempo “de ensino” que o jovem ensaiador teve para “transformar” o TEPb. Em 1952, graças a uma parceria de intercâmbio com o grupo, além de apresentar em João Pessoa o Teatro do Estudante Secundário de Pernambuco com o drama *Cana Brava*, de Aristóteles Soares, que Clênio dirigiu e fez estreiar naquele mesmo ano em seu lugar de origem, ele assumiu um novo trabalho para a equipe paraibana, *Se o Guilherme Fosse Vivo*, comédia divulgada como sendo de A. Torrado, com tradução de Daniel Rocha.

O curioso é que este texto foi escrito pelo dramaturgo espanhol Carlos Llopis e divulgado erroneamente com o nome de outro autor, inclusive quando de sua montagem no Recife, numa produção da Associação Pernambucana dos Servidores do Estado, em lançamento do grupo Teatro do Funcionário Público de Pernambuco. A boa resposta que deve ter tido na Paraíba provavelmente instigou Clênio a montar em 1953 a mesma obra na sua terra, saudada pela crítica pernambucana por sua finalidade maior, divertir apenas. Naquele ano, novamente chamado pelo TEPb, ele ainda dirigiu *A Comédia do Coração*, do paulistano Paulo Gonçalves, texto que já tinha sido apresentado pelo Teatro de Amadores de Pernambuco, no Recife, em 1944, com o polonês Zygmunt Turkow convidado a encená-lo.

Aliado a um maior empenho dos atores e a expressivos recursos da luz, *A Comédia do Coração* foi considerada o “marco inaugural da prática moderna nas encenações do TAP” (CADENGUE, 2011, p. 147). A obra simbolista aposta num diálogo entre sentimentos humanos no interior de um coração. Como espectador da montagem, é possível que Clênio Wanderley tenha recebido lições de renovação de práticas da cena moderna e compartilhado o aprendizado aos artistas, técnicos e público paraibanos. Em 1954 foi a vez do caruaruense Joel Pontes dirigir, ainda para o TEPb, *Festim Diabólico*, do inglês Patrick Hamilton. De perfil policial-psicológico sobre um crime cometido por homossexuais, a peça integrou um evento importante em 1955, o I Festival Nortista de Teatro Amador.

A iniciativa ocorreu na cidade do Natal (RN), quando o teatrólogo Meira Pires, então diretor do Teatro Carlos Gomes, hoje Teatro Alberto Maranhão, resolveu encarar a realização deste pioneiro festival na região Norte (como ainda eram conhecidos o Nordeste e Norte do Brasil). Com uma semana competitiva de peças da Paraíba,

Pernambuco, Ceará, Alagoas, Bahia e Rio Grande do Norte – rara oportunidade de se fazer ver para além do seu lugar –, ainda foram agendadas palestras e mesas-redondas sobre os problemas que afligiam os amadores teatrais nordestinos (nem tão diferentes dos tempos de hoje, infelizmente).

Entre os temas discutidos, a necessidade do intercâmbio artístico, prática que vinha sendo crescente pelo menos entre os dois estados aqui em evidência. Quanto aos espetáculos, o Prêmio de Melhor Conjunto, em caráter *hors concours*, foi para o Teatro de Amadores de Pernambuco, com *Está lá Fora um Inspetor*, de J. B. Priestley, sob direção de Valdemar de Oliveira. Já os paraibanos ficaram com a Medalha de Prata de Cenário para Hermano José. *Festim Diabólico* não viajou ao Recife, mas pôde ser avaliada por Isaac Gondim Filho, do *Diário de Pernambuco*. O crítico ressaltou que se tratava de uma peça de fundo policial com momentos que geram muitas expectativas, principalmente pela galeria de tipos psicológicos, mas não apreciou a tradução utilizada, nem o elenco pouco afeito ao palco.

“Ora, numa peça em que o desenho psicológico é de tamanha importância, necessário se faz de uma equipe de intérpretes seguros e tarimbados, sob pena de resultar num espetáculo sem o devido ajuste” (GONDIM FILHO, *Diário de Pernambuco*, 23 set. 1955, p. 5), comentou, não deixando de lembrar que o diretor Joel Pontes empregou um grande esforço para realizar uma peça difícil em tempo tão curto de ensaios. Somente em 1958 é que surgiu nova parceria entre artistas pernambucanos e paraibanos pelo convite a Clênio Wanderley – agora já um encenador aclamado nacionalmente pela estreia da peça *A Compadecida*, de Ariano Suassuna, vencedora do I Festival de Amadores Nacionais, ocorrido no Rio de Janeiro, no ano anterior – voltando ao Teatro do Estudante da Paraíba para conceber a primeira versão de *Auto de João da Cruz*, outra obra de Ariano Suassuna, texto escrito em 1950 e baseado em romance do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros. Mas a montagem, ao ser vista no Recife durante o I Festival Nacional de Teatros de Estudantes (e talvez tenha sido a primeira da Paraíba a ganhar mais visibilidade por lá), não causou boa impressão.

Chegado de São Paulo especialmente para cobrir o evento, o crítico Sábato Magaldi foi duro com o trabalho apresentado, chamando-o de “péssimo espetáculo”, ainda que nele houvesse “ao menos honestidade” (MAGALDI, *Jornal do Commercio*, 17 ago. 1958, p. 6). Se levarmos em conta que o teatro amador é um teatro que experimenta, nem sempre o produto final vai ser apreciado por todos, mas fica valendo

o processo de aprendizado dos que estiveram ali envolvidos. E na sociabilidade da cena entre a Paraíba e Pernambuco não se pode dizer que tentativas não existiram.

REFERÊNCIAS:

CADENGUE, Antonio Edson. **TAP: Sua cena & sua sombra – o Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)**. Recife: SESC PE/Companhia Editora de Pernambuco, 2011.

EGYPTO, Enaldo do. **Quarenta Anos do Teatro Paraibano**. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba/SEd/Secetur, 1988.

ÊXITO do Teatro do Estudante. **O Norte**. João Pessoa, 5 out. 1952. p. 8.

GONDIM FILHO, Isaac. Festival – IV. **Diário de Pernambuco**. Recife, 23 set. 1955. Teatro. p. 5.

LIMA, Duílio Pereira da Cunha. **Encenação tabajara (1975-2000): memórias, tendências e perspectivas no teatro de João Pessoa**. Tese – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UFPB, Campina Grande, 2016. Disponível em: <http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/disserta%C3%A7%C3%B5es_2015/TESE-DUILIO-PEREIRA-DA-CUNHA-LIMA.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

MAGALDI, Sábato. O festival do Recife. **Jornal do Commercio**. Recife, 17 ago. 1958. Segundo Caderno/Arte. p. 6.